

JOÃO EMÍLIO FALCÃO

ANC p2

I  
E  
I  
P  
E  
d  
v

## A sábia burrice

Já ultrapassou os limites democráticos a pressão para que os constituintes aprovem a anistia aos empresários que se iludiram com o Plano Cruzado. O êxito alcançado em outras ocasiões criou a impressão de que uma agressiva manifestação torna mais fácil aprovar ou rejeitar determinada proposta.

É uma suposição discutível. Compreende-se, pois, que grupos interessados exerçam o direito de pressionar os parlamentares. O que se tem de combater são os excessos. Há dias fizeram, na Câmara, um corredor polonês onde deputados foram, no mínimo, agredidos verbalmente. De outra feita, no salão verde, políticos respeitáveis foram insultados. E de se recorde, ainda, a sessão em que sindicalistas jogavam moedas no plenário, enquanto gritavam palavrões.

Os grupos de pressão não têm, em geral, qualquer consideração. Acham os parlamentares corruptíveis, com medo, eleitoral ao menos, de tomar atitudes. As interpelações são dirigidas não para esclarecer, mas para forçar uma posição favorável. Muitos deputados e senadores chegam a andar pelos corredores sem o botão característico para se verem livres de situações inconvenientes. A pressão é em todos os lugares, em plenário, nos restaurantes etc.

A dos que pretendem a anistia de suas dívidas decorrentes de empréstimos feitos durante a vigência do Plano Cruzado — outros pagaram com os maiores sacrifícios —

está, porém, enveredando pelo caminho perigoso da ofensa e do achincalhe. A faixa sobre o ministro da Fazenda ultrapassou os limites do insulto político, que, entre nós, são amplos. As acusações aos constituintes, a quem atribuem a única função de votar, enquanto eles, os devedores, são os trabalhadores, também ofendem.

O carro de som, que transformou o grande defronte ao Congresso em mafuá desqualificado, irradia as maiores barbaridades sem qualquer responsabilidade. Não há como afirmar que o dinheiro perdido no Plano Cruzado pelos agricultores e empresários — admitindo-se que todos os carava-neiros o sejam — foi roubado pela Coroa-Brastel. Os dois fatos pertencem a governos diferentes, e a única culpa que cabe ao atual em relação à Coroa-Brastel é não ter concluído o inquérito e punido os responsáveis.

A pior de todas as agressões é o burro, o animal, com um cartaz: "Sou burro, mas não sou tecnocrata". Em qualquer país civilizado o tecnocrata, assim considerado o servidor de carreira especializado, merece respeito. Em geral ele é qualificado, tem curso superior, às vezes mestrado no exterior. Foi ele que, no período militar, fez da economia brasileira a oitava do mundo ocidental.

O burro dos devedores do Plano Cruzado — será que todos aplicaram o dinheiro corretamente? — é, na verdade, uma prova do avanço da burrice em nossos tempos.